

Cabelos: emoção erótico-simbólica do texto impresso à imagem gravada

Luciene Lehmkuhl, CBHA Universidade Federal da Paraíba

Cabelos, xilogravura de Hugo Mund Júnior, datada de 1958, aparece como uma das sete obras que ilustram os poemas de Cruz e Sousa, selecionados por Silveira de Souza reunidos na publicação intitulada *Sonetos da Noite*, Edições do Livro de Arte de 1958. Tomo uma afirmativa de Didi-Huberman para conduzir minha reflexão acerca desta gravura. Diz ele: “As emoções tem um poder - ou são um poder – de transformação da memória ao desejo...”. Vejamos os percursos trilhados por Mund e Silveira ao interpretarem o poeta.

Palavras-chave: Texto impresso. Imagem gravada. Emoção erótico-simbólica.

*

Cabelos, la gravure sur bois d'Hugo Mund Júnior, daté de 1958, apparaît comme une des sept œuvres qui illustrent les poésies de Cruz e Sousa, choisi par Silveira de Souza rassemblé dans la publication ayant droit aux *Sonetos da Noite*, *Edições do Livro de Arte* de 1958. Je prends un affirmatif de Didi-Huberman pour conduire ma réflexion concernant cette gravure. Il dit : “les émotions ont un pouvoir - ou ils sont un pouvoir - de transformation de la mémoire au désir ...”. Nous verrons les cours de Mund et Silveira à l'ils interprètent le poète.

Mots-clés : Texte imprimé. Image enregistrée. Émotion érotique-symbolique

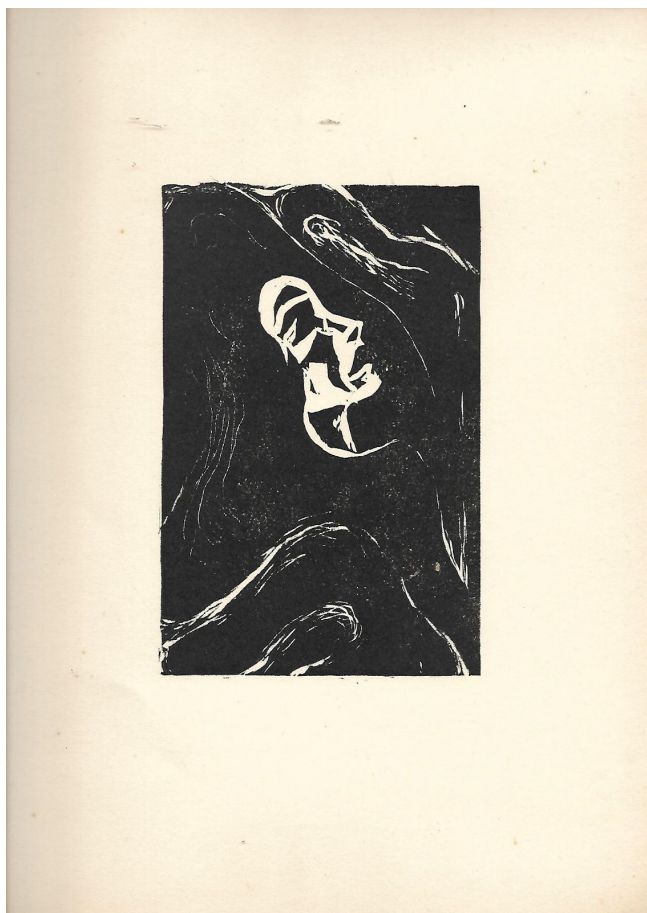


Fig. 01- Hugo Mund Jr. Ilustração do poema *Cabelos* de Cruz e Souza, Xilogravura, p&b, 1958.

Cabelos, xilogravura de Hugo Mundo Júnior (1933), datada de 1958, aparece como uma das sete obras que ilustram os poemas de Cruz e Sousa (1861-1898), selecionados por João Paulo Silveira de Souza (1933) e reunidos na publicação intitulada *Sonetos da Noite*, Edições do Livro de Arte de 1958. Os exemplares foram devidamente numerados, as folhas soltas no interior de uma capa em formato de encarte traziam alternadamente um poema e uma gravura em dimensão 32 x 22 cm. (papel), somando um total de 52 páginas, o livro foi composto e impresso com gravuras originais em madeira, nas oficinas da Gráfica Grajaú e seus 240 exemplares foram numerados e assinados pelo ilustrador, segundo consta no colofon presente na última página.

Mund Jr. – Mafra, Sc, 24 dez. 1933. É titular da cadeira n.6 da Academia Catarinense de Letras; Fundador do GAPF em 1958; participou de todas as exposições do Grupo; Atuou junto ao Grupo Sul em Florianópolis; Expos na Bienal Internacional del grabado na Cidade do México em 1958; Na 5ª Bienal de São Paulo, em 1959;

Mund Jr. e Silveira de Souza, marcaram época na produção editorial catarinense com a Edições do Livro de Arte. Da escolha do papel e dos tipos, ao acabamento da impressão com o belo selo da editora, apresentando duas páginas abertas e duas goivas cruzadas, tudo era pensado e tratado como exímio trabalho de artífice, saberes e destrezas ainda hoje valiosos no meio editorial, especialmente

entre bibliófilos. *Sonetos da Noite*, assim como as demais publicações da Edições do Livro de Arte, encontrou circulação entre o reduzido círculo artístico/intelectual catarinense da época em que foi lançado, mas atingiu intelectuais em todo o país. Hoje é possível manusear um exemplar na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, localizada em Florianópolis, outro na Biblioteca Nacional, localizada na cidade do Rio de Janeiro e, certamente, alguns dos 240 exemplares, encontram-se em bibliotecas privadas.

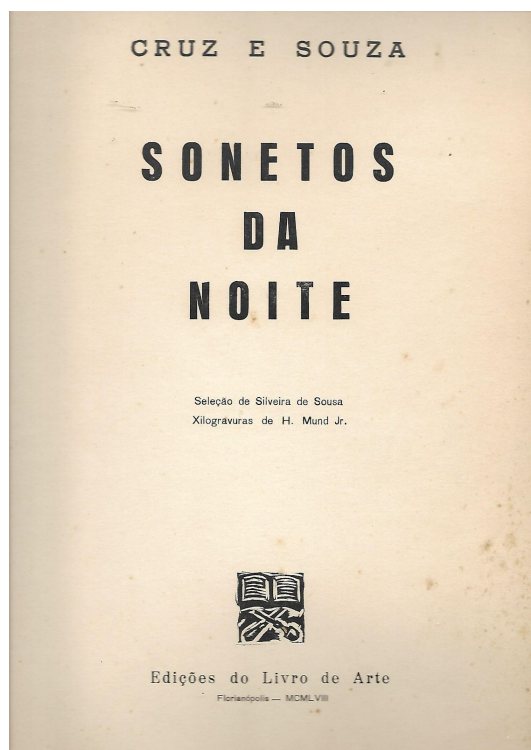


Fig. 02 – Capa de *Sonetos da Noite*, edição de 1958.

Passados 30 anos, em comemoração ao centenário da abolição da escravatura, a Fundação Catarinense de Cultura reedita a obra *Sonetos da Noite* em formato compatível com as publicações da instituição, em 56 páginas, incluindo a apresentação à edição, mantendo a dimensão de 32 x 22 cm, o preto e branco das imagens e dos textos, a alternância de poemas e imagens, agora com os selos editoriais da Edições do Livro de Arte e da FCC, composto e impresso nas oficinas gráficas da IOESC, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina. *Cabelos*, a xilogravura de Mund Júnior, aparece, assim como as demais xilogravuras que ilustram os poemas, desta vez impressa em off set, sobre papel couchê. Dela, já não podemos sentir os veios da madeira e nem a textura áspera do papel, no entanto, temos ao alcance das mãos uma segunda edição do livro publicado em 1958. Eu, especialmente, tive a satisfação de ser presenteada com uma delas por Hugo Mund Júnior, cujo exemplar dedicado traz sua assinatura com a data de 20 de janeiro de 1995, quando o entrevistei, em Florianópolis, para a pesquisa de realização do Mestrado em História, encontro no qual o tema das Edições do Livro de Arte esteve presente.



Fig. 03- Sobrecapa e capa de Sonetos da Noite, edição 1988.

Examinando as duas publicações, é possível constatar a origem da série de sete xilogravuras assinadas por Hugo Mund Júnior, presentes no acervo do Museu de Arte de Santa Catarina – MASC. Dentre 66 obras do artista, entre gravuras, desenhos e aguadas de nanquim, a série aparece no site do Museu sem nenhuma menção à publicação. É possível indagar, no entanto, a natureza da elaboração destas sete imagens gravadas e apresentadas pelo Museu de Arte de Santa Catarina como integrantes de um Álbum denominado “Xilogravuras”, composto por sete pranchas, fazendo referência à técnica e a quantidade de obras, nomeadas apenas como pranchas. No entanto, a observação das sete obras, a identificação de seus títulos, seus temas, a unidade de linguagem, a unidade de temática, a unidade de formato, a unidade de suporte e por fim a unidade de datação, permitem afirmar terem sido elaboradas tendo como destino a publicação do livro *Sonetos da Noite* de 1958.

Corroborando tal constatação as notícias publicadas no ano de 1958, na coluna Artes Plásticas assinada por Pedro Paulo Vecchietti no Suplemento dominical do Jornal *O Estado* e outra notícia publicada na *Revista Litoral*, anunciam o livro *Sonetos da Noite* com gravuras de Hugo Mund Jr. Dentre as notícias aparece a publicação da gravura *Cabelos*, em 27 de julho com o seguinte texto: “Cabelos, ilustração de Hugo Mund Jr. para o livro de poemas de Cruz e Sousa organizado por Silveira de Souza”¹. No dia 24 de agosto do mesmo ano o jornal divulga a exposição no “Museu de Arte Moderna, do 1º volume das ‘Edições do Livro de Arte’ - Sonetos da Noite, com poemas escolhidos de Cruz e Sousa ilustrados com

¹ VECCHIETTI, Pedro Paulo. Artes Plásticas. Suplemento dominical do Jornal *O Estado*. Florianópolis, 27 jul. 1958.

gravuras de Hugo Mund Jr.²” A *Revista Litoral* anuncia a publicação futura do primeiro livro autoral do “contista catarinense João Paulo Silveira de Souza ‘O vigia e a cidade’, a ser impresso pelas Edições de Arte, no mesmo formato que o recente livro ‘Sonetos da Noite’, ambos com ilustrações de Hugo Mund Jr.”³.

Assim, as sete xilogravuras de Mund Júnior, presentes no acervo do MASC, são aqui apresentadas com os títulos dos poemas que ilustram, presentes no livro *Sonetos da Noite*, de Cruz e Sousa: *Êxtase búdico*, *Dilacerações*, *Cabelos*, *Música misteriosa*, *A morte*, *Sexta-feira santa*, *Monja*.



Fig. 04 - Hugo Mund Jr. Ilustrações dos poemas *Êxtase búdico*, *Dilacerações*, *Cabelos*, *Música misteriosa*, *A morte*, *Sexta-feira santa*, *Monja* de Cruz e Sousa, Xilogravuras, p&b, 1958.

² VECCHIETTI, Pedro Paulo. Artes Plásticas. Suplemento dominical do Jornal *O Estado*. Florianópolis, 24 ago. 1958.

³ Tópicos, *Revista Litoral*, n.2, Florianópolis, 1958, p.75.

Da mesma maneira, a gravura *Cabelos*, de Hugo Mund Júnior é aqui abordada como peça concebida para ilustrar o poema de mesmo nome do poeta Cruz e Sousa, visando sua publicação no livro *Sonetos da Noite* da Edições do Livro de Arte, no ano de 1958, em Florianópolis, com seleção dos poemas realizada por Silveira de Souza.

Segundo Silveira de Souza a seleção dos poemas para comporem o livro recaiu sobre o tema da noite. O poeta/editor Silveira ocupou-se de buscar nos poemas de Cruz e Sousa aqueles que de uma maneira ou de outra tocavam na temática contendo a palavra noite, aproximações ou apenas alusões à noite. A palavra noite está presente em três dos sete poemas escolhidos e no texto apresentado como Prólogo, também de Cruz e Sousa, este no entanto, sem ilustração. Em *Êxtase búdico*, primeiro poema do livro, a palavra aparece duas vezes: “Óleo da noite sacrossanto, inunda” e “Larga e búdica noite redentora; em *Cabelos*, terceiro poema, aparece três vezes: “Passa na noite cálida, no estio”, “Da noite tropical dos teus cabelos” e “Lânguida noite da melancolia!”; em *A morte*, quinto poema, uma vez: “Os que penetram nessa noite escura!, assim como no Prólogo em que também aparece uma única vez: “Esse luto, essa noite, essa treva é o que eu desejo”.

Nos demais poemas, as aproximações ou alusões a palavra noite são abundantes. Em *Dilacerações*, segundo poema do texto, temos: “Dos sonhos e das estrelas fabulosas” e “dos profundos pesadelos”; em *Música misteriosa*, quarto poema, “Erram da Lua nos clarões dormentes...” e “Cantam sonhos de místicos templários”; em *Sexta-feira santa*, sexto poema, “É esta a negra e santa sexta-feira!”, “Cristo está morto”, “Da morte, o sangue roxo e tenebroso”; em *Monja*, sétimo e último poema, “Ó Lua, Lua triste, amargurada”, “Lua, Monja da cela constelada” e “noctâmbulos, pairando...”.

Assim, a noite aparece também como estrelas, como sonhos e pesadelos, como lua, como morte, como sangue, como negra, como roxo, como tenebroso. Aparece ainda associada às palavras luto, treva, escura, tropical, cálida, lânguida, búdica, sacrossanto, Cristo, Monja, melancolia e desejo.

Tomo uma afirmativa de Georges Didi-Huberman para conduzir minha reflexão acerca da gravura Cabelo. Diz ele: “As emoções tem um poder - ou são um poder – de transformação da memória ao desejo...”⁴. Se pensarmos em uma emoção erótica, como um desejo, uma vontade, uma libido aflorados em decorrência da audição de um som, do toque em uma textura, do odor aspirado, do gosto que faz salivar ou da imagem que prende o olhar, concordamos que o erótico se define no campo das emoções. Assim, a transformação que se opera em nossas mentes ao sentirmos, inicialmente por qualquer um dos canais sensitivos, resulta

⁴ DIDI-HUBERMAN, *Que Emoción! Que emoción?*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Capital intelectual, 2016, p.53.

sinestésica e perpassa o campo da memória instalando-se no campo dos desejos, podendo estes se limitarem ao afeto, ao amor, ao reconhecimento e proximidade ou se lançarem a recônditos mais exuberantes e extravagantes, como o das emoções eróticas.

Assinalo que o poema *Cabelos* foi publicado no livro *Faróis*⁵, postumamente, em meio a sete poemas dedicados ao corpo, sendo inicialmente *Cabelos*, marcado com o número I, e em seguida *Olhos*, com o número II, *Boca*, com o número III, *Seios*, com o número IV, *Mãos*, com o número V, *Pés*, com o número VI e *Corpo*, com o número VII.

O interesse do poeta pelo corpo e suas evocações ao erótico estão também presentes na ilustração de Mund Jr. para *Cabelos*. A imagem produzida na técnica da gravura em madeira já incita ao toque e ao sentido do tato. Apreciar os veios da madeira, as ranhuras e texturas deixadas pelo uso da goiva, exigem a evocação do sentido tátil para além do olhar. A figura gravada, por sua vez, emerge do negro da tinta impressa por meio de finos traços que compõem movimentos sinuosos em torno de um rosto branco, talhado em linhas pontiagudas, de uma geometria agressiva e contundente.

De certa maneira, a imagem é ao mesmo tempo atrativa e repulsiva. Por um lado, exige o toque e o enleio aos fios traçados pela sinuosidade das linhas, pela massa do negro, pela imensidão da cor. Por outro lado, repulsa o contato por meio dos ângulos impressos à face. Nela é possível encontrar a visualidade construída pelo artista para as palavras do poeta como negro, noite, morte, pesadelos, sangue, tenebroso, luto, treva, escura, melancolia, como também para, sonhos, estrelas, lua, cálida, lânguida, tropical, búdica, sacrossanto, Cristo, Monja, e desejo.

As palavras do poeta e a imagem do artista podem ser lidas/vistas como intertextos que ecoam as reflexões de Georges Bataille sobre o erotismo. Para este autor o erotismo “é a aprovação da vida até na morte”⁶, no sentido de colocar o ser em questão. Para seu tradutor, seria “a vida levada a uma intensidade tal, sempre através do gasto inútil de energia, que não se distingue mais da morte”⁷.

Para Bataille o ser humano é um ser descontínuo que vive o paradoxo do desejo da continuidade, o interdito e a transgressão são expressões deste paradoxo e o erotismo é a experiência interior dessa transgressão. A “atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas aparentemente, apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica”⁸.

⁵ CRUZ e SOUSA, João da. *Faróis*. Rio de Janeiro: Tipografia Instituto Profissional, 1900.

⁶ BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p.35.

⁷ SCHEIBE, Fernando. Apresentação do tradutor. In: BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p.16.

⁸ BATAILLE, Georges, *Op.Cit.*, p.35.

Sendo assim, para Bataille “o erotismo é, na consciência do homem o que coloca o ser em questão”⁹.

Portanto, a arte como imagem construída, a poesia como palavra elaborada, escrita e falada são linguagens capazes de acolher o homem em seu paradoxo. O poeta Cruz e Sousa, o artista/gravador Mund Jr. e o editor/escritor Silveira de Souza, formularam na materialidade da publicação dos poemas e das gravuras o interdito e a transgressão do erótico.

Referências bibliográficas

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CRUZ e SOUSA, João da. *Faróis*. Rio de Janeiro: Tipografia Instituto Profissional, 1900.

CRUZ E SOUSA. *Sonetos da Noite*. Seleção de Silveira de Souza, xilogravuras de Hugo Mund Jr. Florianópolis: Edições do Livro de Arte, 1958.

CRUZ E SOUSA. *Sonetos da Noite*. Seleção de Silveira de Souza, xilogravuras de Hugo Mund Jr. Florianópolis: Edições do Livro de Arte / FCC, 1988.

DIDI-HUBERMAN, *Que Emoción! Que emoción?*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Capital intelectual, 2016.

⁹ *Idem*, p.53.